

CONVIVÊNCIA ESCOLAR: ESTRATÉGIAS PARA A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS ENTRE PROFESSORES E ALUNOS

LEITE, Célio Rodrigues¹
LÖHR, Suzane Schmidlin.²

RESUMO

Este estudo teve por finalidade analisar como os professores vêem as relações interpessoais no ambiente escolar evidenciando as consequências da falta de instrumentalização para o manejo dos conflitos entre professores e os alunos. O estresse do professor muitas vezes está relacionado ao manejo de conflitos em sala de aula, que pode ser decorrente de falta de instrumentalização do professor, chegando, em situações extremas, a caracterizar um quadro de burnout. Foi desenvolvido no primeiro semestre de 2009, envolvendo professores e alunos de uma Escola pública estadual situada na Região Metropolitana de Curitiba, Paraná. O projeto de intervenção foi composto de duas fases sendo a primeira correspondente ao levantamento de interesses dos professores e alunos, com o propósito de conhecer melhor a realidade do ponto de vista dos dois segmentos. A segunda fase foi composta de quatro encontros de professores convidados para discussão temática. De acordo com os dados observados, pode se concluir que a contribuição de todos os participantes do grupo foi significativa levando a crer que atividades como estas poderiam servir para aprofundar a discussão a respeito do assunto. Os resultados apresentados demonstram que a realização de encontros para discussão da temática: conflitos entre professores e alunos, produz efeitos significativos. Especificamente neste caso, a maioria dos participantes revela mudanças de atitudes e a intenção de implementação de novos encaminhamentos para estas questões.

Palavras-chave: convivência escolar; relações interpessoais; conflitos na escola; burnout em professores.

ABSTRACT

This study aims at examining how teachers view interpersonal relationships in the school showing the consequences of the lack of instrumentation for the management of conflicts between teachers and students. The teacher's stress is often related to conflict management in the classroom, which may be due to lack of exploitation of the teacher coming, in extreme situations, a framework to characterize burnout. It was developed in the first half of 2009, involving teachers and students of a state public

¹ Professor da Rede Estadual de Educação do Paraná, participante do PDE/2008, SEED-PR, celioteite@seed.pr.gov.br.

² Professora Dr^a em Psicologia Clínica, orientadora do projeto PDE, pela UFPR, em parceria com a SEED-PR, pde@ufpr.br.

school located in the metropolitan region of Curitiba, Paraná. The intervention project was composed of two phases. The first was to be removed from the interests of teachers and students, in order to better understand the reality from the perspective of two segments. The second phase was composed of a fourth meeting of teachers invited to the thematic discussion. According to the observed data, it can be concluded that the contribution of all members of the group was significant leading to the belief that things like these could serve to deepen the discussion on the subject. The results show that the holding of meetings to discuss the theme: conflicts between teachers and students, produces significant effects. Specifically in this case, the majority of the participants reveals changes in attitudes and intention to implement new referrals to these issues.

Keywords: school environment, interpersonal relationships, conflicts at school, burnout in teachers.

INTRODUÇÃO

A Confederação Nacional de Trabalhadores em Educação (CNTE), entidade que congrega, em nível nacional, os órgãos representativos dos trabalhadores em educação, tem realizado diversos estudos sobre o convívio escolar e as condições de trabalho destes profissionais. Destaca-se a pesquisa “Retrato da Escola” (CNTE, 2005), que apontou as condições de trabalho em escolas públicas espalhadas pelo Brasil. A referida pesquisa investigou profissionais da educação, destacando-se aqueles que apresentaram algum sintoma da denominada Síndrome de Burnout³

A frequência de professores com doenças relacionadas ao estresse envolvendo o espaço escolar não deixa dúvida quanto à necessidade de se trazer este tema para discussão. Os acontecimentos que se repetem, relacionados ao desgaste emocional dos professores, motivado pela relação com os alunos, nos diversos pontos do país é um convite para a reflexão de educadores, diretores escolares e demais profissionais ligados à área.

³ Trata-se de uma síndrome, resultante da pressão emocional, relacionada ao trabalho. Advém de uma expressão no idioma inglês referindo-se à exaustão de energia, provocada pela tentativa de superar as pressões geradas no ambiente de trabalho, levando ao desgaste crônico, caracterizando um processo de esgotamento que leva à perda de motivação e desinteresse pelo trabalho. (SARRIERA, Jorge Castellá.– PUCRS, 2008)

A literatura que trata das pesquisas realizadas sobre a questão dos conflitos no meio escolar e suas conseqüências, comumente afirma que no contexto escolar existem pontos que contribuem para o surgimento dos conflitos e que, na maioria das vezes acabam trazendo prejuízos a todos os envolvidos. Muitas vezes os professores adoecem quando não conseguem lidar com as questões surgidas no interior dos espaços escolares.

O estresse do professor muitas vezes está relacionado ao manejo de conflitos em sala de aula, que pode ser decorrente de falta de instrumentalização do professor, chegando, em situações extremas, a caracterizar um quadro de burnout.

Pesquisa realizada por Leite (2008) apontou alta vulnerabilidade dos professores pesquisados a respeito da síndrome de burnout. Em um universo de 8 mil pessoas, 15,7% foram acometidos pelo quadro, enquanto 29,8% dos docentes pesquisados encontrava-se em estado de exaustão emocional em nível crítico; outros achados do estudo como 31,2% evidenciar a baixa realização profissional e 14% demonstrar altos níveis de despersonalização, fortalecem a noção de vulnerabilidade emocional do profissional da educação. Segundo AQUINO (2003), LA TAILLE (2002), VINHA (2000), o tema ocupou e ainda ocupa um lugar de destaque na sociedade acadêmica.

Para ZAMPA (2005) a maneira de lidar com o conflito no interior da escola varia de um ambiente para outro de acordo como ele é visto: como instrumento de crescimento ou se interpretado como um grave problema que deva ser abafado. Esta é uma observação importante que provavelmente contribui para a definição de um quadro de adoecimento em decorrência do trabalho ou para a apresentação de um desafio a ser vencido.

No ambiente escolar existem pontos que contribuem para o surgimento dos conflitos e que, na maioria das vezes, não são explicitados sendo difícil percebê-los. Assim, tanto LA TAILLE (1996 e 1998) como ARAUJO (1996) e VINHA (2008), baseados na perspectiva piagetiana defendem que o desrespeito às normas, nem sempre é problemático, podendo ser sinal de autonomia, significando resistência às imposições e ao autoritarismo. VINHA (2008) ainda reforça que a teoria construtivista compreende os conflitos como oportunidades para trabalharmos valores e regras. Esses conflitos "... dão-nos pistas sobre o que as crianças e jovens precisam aprender". Ou seja, haver conflito professor-aluno é inerente ao processo

de desenvolvimento e pode contribuir para a formação dos jovens. Porém nem sempre os professores estão ou sentem-se instrumentalizados para transformar os conflitos e divergências em oportunidades para o crescimento. Parece que a ênfase não está na resolução do conflito em si, mas sim, no processo. O que irá fazer a diferença é a forma como os problemas são enfrentados, ou seja, passa pelo enfrentamento de situações-problema ocorridas no espaço escolar com a intenção de construir procedimentos eficazes.

Construir um espaço de troca de experiências entre professores, visando o acolhimento destes profissionais buscando uma reflexão coletiva sobre a temática pode ser uma forma de criar oportunidades para que o professor aprimore os conhecimentos referentes à prática instrumentalizando-o para lidar com situações envolvendo conflitos interpessoais no âmbito escolar. O presente trabalho descreve uma experiência desta natureza, na qual professores de uma escola pública estadual da região metropolitana de Curitiba foram convidados a tomar parte de um grupo de acolhimento e reflexão sobre as relações interpessoais na escola.

Se o conflito pode ser parte do processo no contexto escolar e constituir em oportunidade de crescimento, como fornecer recursos aos professores para que o usem de forma produtiva?

O projeto foi delineado nos moldes de encontros quinzenais com os professores interessados (os quais, após convite, se inscreveram para a atividade). Foram realizados 4 encontros no primeiro semestre de 2009. Nos encontros eram apresentadas dificuldades comuns no âmbito escolar e as possíveis soluções eram discutidas pelo grupo.

O projeto de intervenção foi composto de duas fases: primeira fase - preliminar, correspondente ao levantamento de interesses usando um questionário aplicado a professores e alunos, com o propósito de conhecer melhor a realidade do ponto de vista dos dois segmentos. A segunda fase - principal objeto desta análise, foi organizada em quatro encontros com professores para promover a discussão sobre as estratégias usadas para a resolução de conflitos. Todos os professores da escola foram convidados; os interessados formalizaram seu desejo por meio do preenchimento de uma ficha cadastral.

A primeira fase caracterizou-se pelo levantamento de informações consideradas relevantes para a discussão nos grupos. Nesta fase foram aplicados

dois questionários, sendo um para professores e outro para alunos. 15 professores e 155 alunos responderam ao instrumento, destacando-se que em ambos os casos foram voluntários. Os questionários para os professores e alunos eram equivalentes, com dez questões cada um, envolvendo a relação professor-aluno. As respostas foram tabuladas e com base no diagnóstico da realidade elaborado com tais informações, organizou-se a proposta de intervenção, que constituiu a segunda fase.

Os resultados da implementação do projeto na escola, serão descritos a seguir e foram divididos em duas partes: resultados dos questionários e resultados da implementação.

RESULTADOS

Fase 1

As respostas aos questionários apontaram que para 72,25% dos alunos entrevistados, impor regras universais é a melhor atitude do professor na condução das aulas. É interessante observar que sob a ótica dos alunos, apenas 36,77 % afirma que as relações entre professores e alunos são tranquilas e com respeito e 8,41% destaca a falta de aproximação por parte dos professores. O relato de um aluno ilustra o pensamento do grupo:

“Os professores são bons, quem não colabora são os alunos, mas a culpa é dos próprios professores que permitem que os alunos façam bagunça.”

Aluno 1 (15 anos)

Ao perguntar aos professores sobre o grau de satisfação com o ambiente de trabalho, 26,66% afirma estar satisfeito e 73,34% parcialmente satisfeito. Para aqueles que afirmaram satisfação parcial, apontaram como sendo o principal motivo o desinteresse dos alunos pelas suas aulas (73,33%). Os professores ainda afirmaram que a melhor maneira de resolver um conflito é dar atenção ao fato no momento que ele ocorre evitando desta forma que os problemas se acumulem.

Destaca-se também que 86,66% dos professores entrevistados consideraram que o envolvimento do professor com a escola é muito relevante e

13,34% só relevante, ou seja, maior permanência do professor na escola é vista como condição para melhor atuação. Porém estes mesmos professores entrevistados relatam que se sentem despreparados e desmotivados com a profissão que elegeram; conforme se percebe nos relatos de alguns deles:

“Não tem Faculdade que ensine a lidar com esses alunos que temos que enfrentar nos dias atuais. Os professores mais antigos não admitem que os alunos mudaram e os mais novos saem da Faculdade achando que a escola é um mar de rosas.”

Professor 1

“Se pudesse mudaria de profissão. Está muito difícil ser professor nos dias de hoje.”

Professor 2

“Têm colegas que não estão preparados para lidar com adolescentes”.

Professor 3

“Tem aluno que não sabe o que está fazendo na escola e não respeita o professor”

Professor 4

Após a aplicação dos questionários, os professores foram convidados a participar dos grupos de acolhimento e reflexão. Dos 15 professores que participaram da primeira fase, 13 quiseram ser inseridos nos grupos de discussão previstos para a segunda fase. Em 3 dos 4 encontros houve 100% de participação, havendo somente a ausência devidamente justificada de 2 participantes no segundo encontro.

Fase 2

A utilização da discussão temática, nos encontros, permitiu investigar através da reflexão expressa da “fala” dos participantes, o pensamento do grupo. Os

episódios de falas foram registrados, com a devida autorização expressa dos envolvidos e os dados compilados para posterior análise. Cada encontro teve a duração aproximada de uma hora. Em três dos quatro encontros esse tempo foi considerado pelos participantes insuficiente para concluir a discussão, gerando a necessidade de prorrogação por mais alguns instantes.

Cada encontro tinha uma temática norteadora, a qual foi definida a partir das informações coletadas na primeira fase: enfoque no aluno; enfoque no professor; enfoque no manejo do professor e por último, mas não menos importante, enfoque na diversidade no âmbito escolar. Para fomentar a discussão foram apresentadas situações-problema envolvendo as temáticas acima descritas. Estas situações foram elaboradas tomando por base situações reais descritas por professores de diversas instituições educacionais, levantadas antecipadamente.

Os encontros tinham por objetivo: investigar como professores e alunos percebem as relações de convívio dentro da sala de aula; levantar estratégias usadas pelos professores para resolução de conflitos em sala de aula e promover espaço para troca de experiências entre os professores, relativas a estratégias que são usadas para manejo de situações conflituosas em sala de aula. Procurou-se possibilitar aos participantes, oportunidades para refletir sobre seus encaminhamentos e a partir disso oportunizar possíveis mudanças de atitudes com potencial de aplicação no dia-a-dia da escola.

A Tabela 1, abaixo, ilustra a frequência com que cada participante se engajou nas discussões, seja quanto ao número de episódios de fala, como em relação ao número de intervenções feitas.

Episódios de fala é a nomenclatura utilizada para ilustrar as contribuições por participante, independente do número de intervenções. Exemplificando: o participante número 1, no primeiro encontro fez uso da palavra apenas uma vez, no entanto podemos destacar três contribuições. Já as intervenções referem-se à quantidade de momentos que o componente do grupo fez uso da palavra. Para ilustrar isso, tomamos por base o componente número dois, que no primeiro encontro usou a palavra por quatro vezes, no segundo encontro três vezes, no terceiro e quarto encontros cinco vezes.

Tab 1 - FREQUENCIA DOS EPISÓDIOS E INTERVENÇÕES DOS PARTICIPANTES POR ENCONTRO QUANTO À CONTRIBUIÇÃO PARA O TEMA EM DISCUSSÃO

PARTICIPANTES	1º ENCONTRO		2º ENCONTRO		3º ENCONTRO		4º ENCONTRO		TOT EPISÓDIOS	% EPISÓDIOS	TOT INTERVENÇÕES	% INTERVENÇÕES
	EPISÓDIOS	INTERVENÇÕES	EPISÓDIOS	INTERVENÇÕES	EPISÓDIOS	INTERVENÇÕES	EPISÓDIOS	INTERVENÇÕES				
1	3	1	F	F	4	2	6	3	13	3%	6	4%
2	54	4	15	3	7	5	6	5	41	10%	17	10%
3	5	3	13	3	12	6	8	7	38	9%	19	11%
4	6	2	8	2	2	2	3	3	19	5%	9	5%
5	13	3	7	2	12	4	9	5	41	10%	14	8%
6	19	2	4	1	20	4	10	6	53	12%	13	8%
7	2	1	11	2	7	3	5	3	25	6%	9	5%
8	5	2	6	1	7	2	6	5	24	6%	10	6%
9	10	3	1	1	5	5	4	2	20	5%	11	7%
10	4	1	F	F	7	2	5	3	16	4%	6	4%
11	15	5	11	3	16	7	9	6	51	12%	21	13%
12	14	5	5	1	27	9	13	8	59	13%	23	14%
13	6	2	13	3	0	2	2	2	21	5%	9	5%
TOT	156	34	94	22	126	53	86	58	421	100%	167	100%

Fonte: dados tabulados a partir da transcrição das falas dos participantes, registradas em áudio, durante os encontros.

Episódios de fala - quantidade de contribuições por participante, independente do número de intervenções. É medido considerando o número de expressões emitidas pelo componente do grupo.

Intervenções - quantidade de momentos que o componente do grupo assumiu a palavra.

A tabela 1 também mostra que houve grande envolvimento de todos os componentes do grupo durante as discussões, sendo que a frequência total de episódios de fala oscilou entre 86 e 156, havendo ao menos 1 episódio por parte de cada participante.

Num universo de 13 professores o envolvimento com o tema proposto foi considerado significativo ou seja houve equilíbrio nas intervenções. Gradativamente os participantes souberam colocar seus posicionamentos e em seguida ouvir os

colegas, pois do percentual de intervenções, o professor que teve maior participação, não superou 14% do tempo total. Todos os professores fizeram intervenções nos encontros, numa média de doze intervenções por participante, com distribuição entre 6 e 23 episódios, o que leva a crer que o objetivo foi atingido, quando se garantiu que a discussão envolvesse todo o grupo.

Um dado significativo foi a frequência de episódios. Apesar de alguns participantes demonstrarem tendência em monopolizar a discussão, outros, mesmo com um número reduzido de intervenções apresentaram uma quantidade alta de episódios. Isso pode configurar certa tendência por parte de alguns professores de assegurar seus posicionamentos, ouvindo e respeitando os demais participantes porém fazendo questão de marcar sua concordância ou discordância com o que está sendo abordado.

Ao abordar questões polêmicas nos encontros iniciais inevitavelmente havia tendência do grupo no sentido de eleger culpados, mas logo em seguida esta atitude era substituída por outra, na qual os participantes assumiam a co-responsabilidade pelos encaminhamentos. Este dado fica bastante evidente na análise das respostas dadas na avaliação final.

O senso comum dos participantes tende a julgar que para ser professor basta assimilar certo conteúdo, preparar-se para apresentá-lo, dirigir-se à sala de aula e efetivar a docência, sem considerar que o magistério requer tomadas constantes de decisões a cerca das questões que se efetivam a todo instante no interior da sala de aula. No grupo que participou das discussões foi quase unânime a dificuldade destes em atuarem como mediadores das relações no contexto escolar. O que nos leva a sugerir espaços cada vez mais amplos para discussões desta natureza.

Os relatos dos professores participantes do grupo tendiam inicialmente avaliar o relacionamento com os alunos como sendo bom. No decorrer do processo, conforme a discussão avançava, encontrando aceitação e acolhimento os professores passavam a discorrer sobre suas dificuldades. Observações desta natureza nos mostram quanto os professores podem ser beneficiados com a estruturação de um espaço para exposição sem críticas que fortaleça a sensação de aceitação incondicional do professor, que só um grupo estruturado pode promover.

A tabela 2, abaixo, permite ver a frequência dos posicionamentos em cada encontro, a partir da análise dos casos-problema apresentados.

Tab 2 - POSICIONAMENTOS APRESENTADOS NAS FALAS DOS PARTICIPANTES QUANTO À CONTRIBUIÇÃO PARA O TEMA EM DISCUSSÃO

Encontros	Indiferente		Contribui		Prejudica	
	f	Fa	f	Fa	f	Fa
1	32	32	39	39	11	11
2	25	57	15	54	24	35
3	59	116	36	90	26	61
4	27	143	53	143	37	98
total	143		143		98	

f – frequência simples.

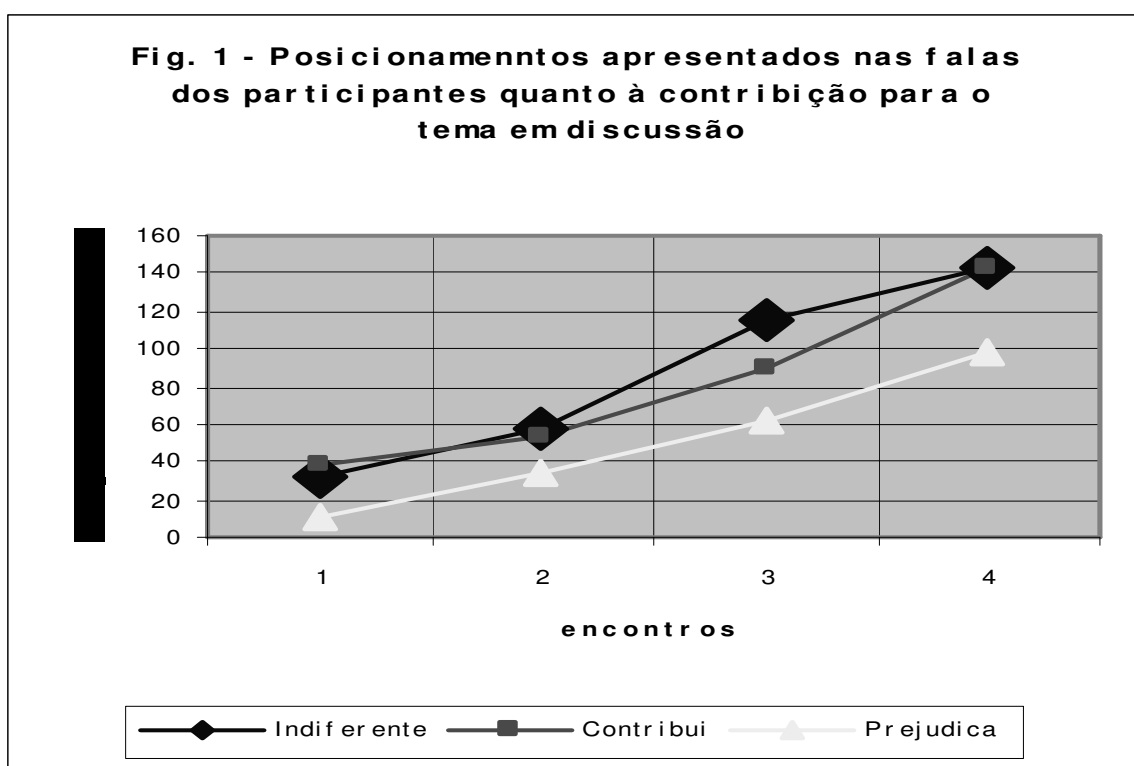
Fa – frequência acumulada.

Fonte: dados tabulados a partir da transcrição das falas dos participantes, registradas em áudio, durante os encontros.

Em algumas discussões a fala de um professor era seguida de comentários dos demais se somando ao tema, e convencionou-se denominá-los posicionamentos que “contribuem” para o tema. Outras vezes tais comentários pareciam não alterar o que vinha sendo discutido, sendo caracterizado por observações inócuas, e que se denominou na tabela de posicionamento “indiferente”. Finalmente alguns comentários mudavam o tema em discussão, tirando o foco ou desvirtuando o conteúdo, sendo denominado de posicionamentos que “prejudicam”. Analisando a tabela 2 é possível perceber que houve predominância de posicionamentos que contribuíram para o amadurecimento da questão (37,3%), e dos que eram neutros ao que era discutido, também (37,3%), sendo que aqueles prejudiciais ao processo ocorreram em menor percentual, (25,5%) dos momentos. Embora a emissão de comentários que prejudicam o andamento do grupo fosse menor do que as demais categorias, percebe-se que o número de tais emissões sofreu acréscimo a cada encontro. Este é um aspecto que merece estudo mais aprofundado, mas pode

apontar para uma maior participação dos professores e que sem ter desenvolvido ainda habilidades sutis de comunicação no grupo, o faziam de forma inapropriada.

Esta hipótese pode ser corroborada com a observação do total de posicionamentos nas três categorias a cada encontro, observando-se que no primeiro encontro ocorreram 82 posicionamentos, número este que caiu no segundo encontro para 64 e voltou a subir para 111 no terceiro encontro elevando-se mais uma vez agora para 117 no último encontro. A figura 1 a seguir, permite uma comparação visual entre a frequência dos três tipos de intervenção a cada encontro.



Fonte: dados tabulados a partir da transcrição das falas dos participantes, registradas em áudio, durante os encontros.

No primeiro e no último encontro do grupo foi aplicado um instrumento de avaliação do processo. Questões pertinentes ao conteúdo abordado, dificuldades e facilidades observadas pelo respondente no encontro constituíram alvo deste questionário.

Os 13 integrantes do grupo responderam a avaliação nos dois momentos, sendo que as respostas dadas foram agrupadas de acordo com a facilidades e dificuldades encontradas e a relevância do tema.

Na pergunta referente às dificuldades apresentadas durante o encontro, 53,84% dos participantes afirmaram no primeiro momento não ter dificuldades, já na avaliação final 69,23% apontaram algum tipo de dificuldade. Pressupõe que o professor tem dificuldades para expor sobre as questões que envolvem sua postura em sala de aula ou mesmo falar do seu próprio comportamento. No decorrer dos encontros foram se sentindo mais à vontade para maior exposição, desenvolvendo auto-observação, o que levou à mudança em relação à primeira avaliação.

Em relação à relevância do tema se destacam alguns posicionamentos: 69,23% dos participantes reforçaram a dificuldade para falar sobre o assunto; 44,14% apontou para a necessidade de que o professor precisa mudar de postura em sala de aula; 41% dos participantes apontou para a necessidade de dividir responsabilidades entre todos os segmentos da escola, a saber (direção, equipe pedagógica, professores, funcionários, alunos e pais) e 72,15% apontou a necessidade de investir na formação dos professores para que aprendam a lidar com as questões conflituosas em sala de aula.

No relato sobre as facilidades observadas pelos participantes, verificou-se certa estabilidade nas respostas, mantendo-se o nível evidenciado no questionário pré-intervenção com os dados levantados no questionário pós-intervenção. A maior parte, 80% dos participantes elegeu o entrosamento como sendo o ponto que facilitou a discussão. O entrosamento é um aspecto característico deste grupo, pois a atividade foi desenvolvida com um grupo de professores pertencentes a uma única escola e que já se conheciam e mantinham relações de trabalho.

Quando solicitado que os participantes apresentassem os aspectos favoráveis e as contra-indicações a respeito da proposta de se realizar encontros de discussão sobre a convivência escolar, 80% dos integrantes apontaram inicialmente a abertura de espaço e necessidade de tratar sobre o assunto, enquanto na avaliação final predominou a importância de se tornar rotina no cotidiano escolar.

Com relação às contra-indicações ficou evidenciado que os professores embora tenham participado assiduamente dos encontros aos sábados, preferem que os mesmos sejam realizados no horário regular previsto em calendário letivo. Isso pode apontar para a necessidade de garantir um espaço de discussão no calendário escolar. O pouco tempo para discussão foi apontado por 60% dos professores como um aspecto a ser superado em futuras edições do projeto.

Ressalta-se também o dado levantado por 48% dos professores que demonstraram incômodo pela tendência de alguns colegas de profissão monopolizarem a discussão, dificultando a explanação por parte dos outros participantes como os já elencados acima, ou seja. Quando solicitado aos professores o registro de comentários sobre a proposta de discussão em grupo sobre o tema, no instrumento aplicado no primeiro encontro 45% dos professores apontaram a necessidade de prever encontros como estes em calendário escolar, já na avaliação final percebeu-se maior aprofundamento nas respostas, onde além de prever encontros de discussão, os participantes elegeram direcionamentos claros como: as dificuldades para falar sobre o assunto; a mudança de postura do professor, o envolvimento de todos os segmentos da escola e a formação dos professores para que sejam instrumentalizados para lidar com as questões conflituosas em sala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da hipótese que os professores podem construir mecanismos eficazes para lidar com as situações de conflito no interior da escola, reduzindo a probabilidade de adoecer em serviço, pressupõe que esta medida pode ser possível a partir do envolvimento destes profissionais em discussões permanentes sobre o assunto.

De acordo com os dados observados, pode se concluir que a contribuição de todos os participantes do grupo foi significativa levando a crer que atividades como estas poderiam servir para aprofundar a discussão a respeito do assunto. Não se pode avaliar a contribuição de projetos da natureza descrita como ação preventiva do adoecimento no trabalho dos professores, pois esta consequência só poderia ser avaliada ao longo do tempo. O pedido dos professores que o projeto não fosse limitado a 4 encontros, pode mostrar o quanto eles necessitam de apoio e acolhimento contínuo, sendo produtiva a institucionalização de um espaço de reflexão sobre a difícil, complexa, mas também apaixonante arte de educar.

Os resultados apresentados demonstram que a realização de encontros para discussão da temática: conflitos entre professores e alunos; produz efeitos significativos. Especificamente neste caso, a maioria dos participantes revela mudanças de atitudes e a intenção de implementação de novos encaminhamentos para estas questões. Faz-se notar, todavia, a necessidade de ampliar a frequência destes encontros, tornando-os parte integrante do cotidiano escolar e garantindo que sejam realizados com grupos reduzidos de participantes, possibilitando o efetivo envolvimento de todos. Certamente, as peculiaridades de cada ambiente escolar exigem especificidades que permitam restringir a um universo conhecido, envolvendo segmentos permanentes (alunos, professores, equipe pedagógica, diretores e pais) e estabelecer rotinas, com temáticas, horários, espaços físicos que propiciem avanços na discussão.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G (Org.). **A desordem na relação professor-aluno**: indisciplina, moralidade e conhecimento. Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Autoridade docente, autonomia discente uma equação possível e necessária**. Autoridade e autonomia na escola. São Paulo: Summus, 1999.

_____. **Indisciplina** – o contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

_____. **Confrontos na sala de aula**. São Paulo: Summus Editorial. 1996.
BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº. 8069 de 13 de julho de 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei federal nº. 9.394, promulgada em 1996.

CALDAS, A. R. **Desistência e Resistência no Trabalho Docente**: um estudo das professoras e professores da rede municipal de educação de Curitiba. Tese de Doutorado, UFPR, Curitiba, 2007

CODO, Wanderley. (Org.) **Educação, carinho e trabalho**. Petrópolis. Vozes, Brasília, CNTE/Unb, 1999.

DEBARDIEUX, Eric e Outros. **Desafio e Alternativas**: violência nas escolas. São Paulo: Editora Unesco, 2005.

Del Prette, Zilda A. Pereira et al. **Habilidades sociais do professor em sala de aula**: um estudo de caso. *Psicol. Reflex. Crit.*, 1998, vol.11, no.3, p.591-603. Acessado em 21/08/08.

FONSECA, Elizabeth S. Szencuk. **(In)disciplina na Escola Pública**: educação na atualidade. Curitiba: 2001. Dissertação de Mestrado pela UFPR.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1975.

LA TAILLE, Yves de. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**: Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Autoridade na escola**. Autoridade e autonomia na escola. São Paulo: Summus, 1999.

_____. **três dimensões educacionais**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

_____. **Escola e professores sob o olhar do aluno**. Pátio. Revista Pedagógica: Porto Alegre, v. 40, p. 48-50, 2006.

LEITE, Nadia Maria Beserra. **Síndrome de burnout e relações sociais no trabalho**. Dissertação de Mestrado, UnB, 2007.

LIPP, Marilda Novaes. (Org.). **O stress do professor**. São Paulo: Editora Papirus, 2002.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Tradução de Catarina Eleonora e Jeanne Sawaya. São Paulo: Editora Cortez – UNESCO, 2005.

SARRIERA, Jorge Castellá ; CÂMARA, Sheila Gonçalves . **Pesquisa e intervenção junto a adolescentes**: experiências que ensinam. In: Rabelo, L.. (Org.). Pesquisa e Intervenção na Infância e na Juventude. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ - Coletânea NIPIAC, 2008, v. 1, p. 100-118.

SPOSITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educ. Pesqui., Jun 2001, vol.27, no. 1, p.87-103.

VINHA, Telma P. **Valores Morais em Construção**. Revista AMAE-Educando, nº. 285, agosto, pp. 6-12. Belo Horizonte: Fundação Amae para a Educação e Cultura, 1999.

_____. **O Educador e a Moralidade Infantil numa Perspectiva Construtivista**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

_____. **Os conflitos interpessoais na escola**. Acesso: Revista de Educação e Informática, São Paulo, v. 19, p. 33-38, 2006.

ZALUAR, Alba. (Org). **Violência e Educação**. São Paulo:Editora Cortez, 1992.